

Pioneiros da fotografia em Rio Grande. Indícios de passagens e permanências. Relato de uma pesquisa histórica.

Teresa LENZI¹

Flávia MENESTRINO²

Resumo

O presente texto é o relato da pesquisa intitulada **Os Pioneiros da fotografia em Rio Grande**³ que investigou as primeiras práticas fotográficas nesta cidade, no período compreendido entre 1845 e 1900, e que foi desenvolvida em jornais existentes em jornais históricos do acervo da Biblioteca Riograndense. Durante a investigação foram consultadas outras fontes de reconhecimento acadêmico a fim de identificar se os fotógrafos localizados encontravam-se referenciados nestes estudos, bem como a fim de confirmar dados como a nacionalidade, a data de chegada no Brasil – no caso dos estrangeiros – e especificidades de seus trabalhos. O conjunto das ações desta pesquisa teve como propósito dar início à escritura de uma história da fotografia na cidade do Rio Grande - por considerar que esta atividade constitui uma parte importante dos fazeres humanos nesta comunidade - capaz de ser referência e fonte de consulta a pesquisadores.

Palavras-chave: Fotografia, Rio Grande, História.

¹ Dr^a em História, teoria e crítica da arte. Professora do Curso de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado do Instituto de Letras e Artes, / FURG. telnzi@terra.com.br

² Acadêmica do ILA, Curso de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado / FURG. Bolsista do projeto *Pioneiros da Fotografia em Rio Grande*. Flaviamenestrino@hotmail.com

³ Projeto contemplado com subvenção para publicação no Edital Prócultura/MEC/FURG/PROEXC/2008.

Abstract**The Pioneers of Photography in Rio Grande.**

The following text draws on a research entitled The Pioneers of Photography in Rio Grande city which investigated the first photographic practices in Rio Grande city between 1845 and 1900 based on historical newspapers available at the local library archive. Other sources were either analyzed in order to identify the photographers and their references, their nationalities, date of arrival in Brazil – if foreigners- as well as particularities of their work. The aim of this study is to begin to organize a historical panorama of photography in Rio Grande city especially for its importance as a social practice into the community which may become an alternative reference for researchers in the area.

Key-Words: Photography, History, Rio Grande.

Introdução ao tema de trabalho

O presente texto é o relato de uma pesquisa de caráter histórico, desenvolvida no período compreendido entre março de 2009, e ainda em vigência, sob o título de *Os pioneiros da fotografia em Rio Grande*, e que filia-se à iniciativas de resgate e preservação da história e da memória. A motivação para seu desenvolvimento se justifica em um primeiro momento pela constatação da inexistência de trabalhos sistematizados sobre este assunto. Em um segundo, pela constatação de que os jornais da época que poderiam oferecer informações sobre o tema, e disponíveis na Biblioteca Riograndense, se encontram em total estado de deterioração (Fig. 1), denunciando a premência de salvaguardar os dados neles constantes. Por último e ainda, e neste sentido um motivo importante, por considerar que esta atividade constitui uma parte relevante dos fazeres humanos nesta comunidade, portanto, elemento conformador da história desta região e por consequência da história do país.



Fig. 1. Foto de jornal consultado durante a pesquisa. Acervo pessoal.

O contexto histórico fotográfico

A fotografia surgiu oficialmente na França em meados do século XIX com a revolução industrial e neste período de significativas transformações econômicas, sociais e culturais na Europa, ela passa a existir como possibilidade inovadora para a informação, conhecimento e comunicação, e por esta razão se apresenta como um instrumento de auxílio a diversas áreas da ciência e também da expressão artística. Seu caráter artesanal foi sendo aperfeiçoado gradativamente, tornando-se sofisticado à medida que o consumo aumentava, e razão pela qual justificou inversões significativas de capital em pesquisas e na produção de equipamentos e materiais fotossensíveis. Imediatamente quando do seu surgimento, tornou-se um instrumento de registros de paisagens, da arquitetura de cidades, dos conflitos armados e das expedições científicas, bem como do convencional retrato de estúdio, gênero este que provocou a mais expressiva demanda que a fotografia conheceu desde seu aparecimento e ao longo de toda a segunda metade do século XIX.

Neste período também foi explícita a intenção no recurso à fotografia na documentação do mundo e na representação deste nas mais diferentes formas.

A história da fotografia no Brasil, por sua vez, tem seu marco oficial com a chegada do daguerreótipo⁴, em 1839, assim como a partir da chegada e atuação de europeus praticantes da fotografia, no Rio de Janeiro. O daguerreótipo, invenção do

⁴ Trata-se de uma chapa metálica prateada, semelhante a um espelho e que tem a propriedade de conservar em sua superfície, após determinadas operações físico-químicas, a imagem de um objeto ou paisagem.

artista francês Louis-Jacques-Mandé Daguerre (1787-1851), foi utilizado na Europa entre as décadas de 1840 e 1850, e no Brasil até o início da década de 1870. Portanto, a história da fotografia no Brasil é de fato fundada e circunscrita a partir de dados e feitos europeus, embora, hoje saibamos que pesquisas pioneiras neste setor, com o uso da câmara escura⁵ tenham sido desenvolvidas com êxito pelo francês Hercule Florence em solo brasileiro⁶. Em que pese a revisão histórica proporcionada por Boris Kossoy, infelizmente temos que reconhecer que os feitos de Florence ficaram desconhecidos até o momento da divulgação da pesquisa de Kossoy na década de 70, e que portanto não tiveram influência sobre o surgimento da fotografia em nosso país.

No caso da cidade do Rio Grande, além da sua estreita relação com os fatos e influências nacionais, se pode afirmar que a história da fotografia mantém estreita relação com sua condição geopolítica. O Rio Grande foi uma das cidades pioneiras na prática fotográfica, porque, além de ser, do ponto de vista da história oficial, a mais antiga cidade do Rio Grande do Sul, era a única a possuir um porto marítimo, fato que facilitava o trânsito de pessoas e mercadorias, e que garantiu um desenvolvimento comercial fotográfico considerável durante o século XIX nesta região.

Ainda a modo de contextualização, e de forma muito resumida, se pode dizer que a fotografia contribuiu para a 'construção' da imagem identitária seja em âmbito nacional e local. Esta afirmação é comprovável através das temáticas das fotografias produzidas no início desta prática no país - contadas a partir da chegada dos fotógrafos europeus em geral, e franceses em particular. Neste sentido pode-se mencionar um amplo leque temático que abrange desde cenas de progresso material que documentaram e enfatizaram os avanços tecnológicos no país - tais como as obras de implantação de estradas de ferro, os avanços na agricultura, as transformações

⁵ Câmara escura é uma caixa vedada, com um orifício em uma de suas faces (ou, posteriormente com lentes acopladas- objetivas), pelo qual penetram os raios luminosos refletidos por um objeto (situado fora da câmara) que projetam na parede oposta da caixa a imagem daquele objeto.

⁶ A investigação citada foi publicada sob o título *Hercules Florence. A descoberta isolada da fotografia no Brasil*. São Paulo: Duas cidades, 1980. Nesta publicação Kossoy relata a experiência com a fotografia, do fotógrafo francês Hercule Florence, habitante de Minas Gerais. No percurso de sua pesquisa, constatou Kossoy que, em 1833, Florence, sem nenhum contato com o resto do mundo já utilizava as propriedades do nitrato de prata para sensibilizar folhas de papel, as quais, colocadas no interior de uma câmara escura permitiram-lhe obter o primeiro negativo, e com isso a primeira imagem das Américas. Também destaca Kossoy o fato de ter sido Florence o primeiro, cinco anos antes que pesquisadores franceses e ingleses, considerados até então os pioneiros da fotografia, a nomear o processo como *Photographia*.

urbanas, o desenvolvimento industrial, as obras de engenharia civil em geral - a aquelas que são responsáveis pela a “construção do orgulho nacional” como os triunfos militares, as riquezas naturais, as manifestações artísticas, as expedições científicas e, naturalmente os retratos dos dirigentes da nação.

Sobre os fotógrafos atuantes no país na fase embrionária da fotografia, sabemos através de trabalhos desenvolvidos nesta área, que eles eram em sua maioria estrangeiros que chegavam em navios trazendo equipamentos, inovações técnicas, entre outras novidades no ramo da fotografia, e que eles percorriam cidades em busca de novos clientes. Graças a essa itinerância, a fotografia se disseminou por todo o Brasil. Na cidade do Rio Grande, a arte fotográfica não foi diferente, ela começou a desenhar-se predominantemente com estes fotógrafos.

O desenvolvimento da pesquisa

O método de trabalho desenvolvido consistiu em consultar, cronologicamente todos os jornais disponíveis a partir do ano de 1845 - data delimitada em razão da data do surgimento da fotografia no Brasil - e coletar todo e qualquer dado referente à matéria fotográfica, fosse matéria publicitária, notícias de eventos, viagens ou comércio. Todas as informações sobre as fontes de investigação e dos dados coletados foram identificadas: nome e data dos jornais, número do jornal, das páginas consultadas, além da compilação dos conteúdos localizados.

Para a sistematização dos dados referentes aos fotógrafos e as práticas fotográficas elaborou-se uma ficha de identificação com os seguintes dados: nome, nacionalidade, processos fotográficos com os quais trabalhou, tipo de atividade fotográfica desenvolvida (retratos, paisagens etc.), endereços nos quais fixou seu estabelecimento e residência na cidade.

Fez-se 45 visitas à Biblioteca Riograndense, de cerca de 4 horas cada uma. Examinou-se 150 pastas, aproximadamente 150 jornais, em 20 tipos de publicações distintas, dentre estas o *Jornal Diário do Rio Grande* e o *Artista, Riograndense*. O total de periódicos consultados somou 18.868, muitos de difícil manuseio pelo estado que se encontravam. Os dados foram encontrados em anúncios publicitários, da época, precisamente 146, todos relacionados às práticas fotográficas na cidade.

Entre 1845 e 1900 identificou-se a presença e ou passagem de 38 (trinta e oito) fotógrafos, entre eles apenas uma mulher. Os processos fotográficos identificados foram o daguerreótipo, seguidos do ambrótipo, eletrotipo e da fotografia já em seu

formato convencional, e as nacionalidades incluem franceses, italianos, ingleses, alemães, espanhóis e portugueses.

Fontes históricas acadêmicas foram consultadas a fim de investigar se os fotógrafos aqui localizados encontram-se referenciados nestes documentos, porque, no período pesquisado a prática fotográfica foi marcada pela itinerância. Em alguns casos encontrou-se referência a fotógrafos aqui identificados, em outros estados, bem como, dados referentes à nacionalidade, data de chegada no Brasil – no caso dos estrangeiros – e outras especificidades de seus trabalhos.

Os dados encontrados sobre eles, tais como endereços fixos, ou a inexistência deste dado, por exemplo, permitiram deduzir – ainda que não se possa afirmar com precisão - que a maioria deles atuou na região de forma itinerante. E esta dedução encontrou ressonância no cruzamento de dados com outras fontes tais como livros históricos⁷ sobre o tema, que indicam a itinerância como uma característica comum no contexto da época pesquisada em razão de que a profissão de fotógrafo estava em formação e os poucos que detinham conhecimento do ofício viajavam oferecendo seus préstimos em muitas localidades⁸.



Fig. 2 Anúncios que sugerem a itinerância dos fotógrafos. Acervo pessoal

O trabalho de cruzamento de informações forneceu ainda dados importantes sobre estes profissionais como, por exemplo, em alguns casos permitiu identificar a

⁷ Para maiores informações sobre este assunto veja-se: SOUGEZ, Marie-Loup. História da fotografia; NEWHALL, Beaumont. História da Fotografia: desde sus orígenes hasta nuestros días. FABRIS, Annateresa.(Org). Fotografia: usos e funções no séc. XIX. FREUD, Gisèle. La fotografia como documento social. , entre outros.

⁸ Os jornais pesquisados confirmam este fato através de comunicados de profissionais que informam de sua presença na cidade durante períodos restritos, ao mesmo tempo em que avisam qual será a próxima cidade a ser visitada.

nacionalidade e data de chegada deste fotógrafos no Brasil – no caso dos estrangeiros – bem como algumas especificidades de seus trabalhos.

Os Pioneiros

Apresentamos agora, de forma sucinta, alguns dos fotógrafos identificados durante este trabalho.

Segundo os dados localizados durante esta pesquisa, o pioneiro desta história na cidade do Rio Grande foi o norte americano Charles de Forest Fredricks (1823-1894), cuja grafia encontra-se nos anúncios como Carlos D. Fredricks, daguerreotipista que percorreu grandes distâncias em busca de mercado para sua arte. Fredricks, segundo nos informa Beaumont Newhall (1983, p. 876), entrou no Brasil pela floresta Amazônica em 1846, e realizou seus primeiros retratos de índios brasileiros. Em Rio Grande, Fredricks fixou seu estabelecimento fotográfico⁹ no período de dezembro de 1848 a janeiro de 1849, na Rua da Boa Vista nº 32. Neste estabelecimento oferecia seus serviços como *Retratos fixos e coloridos de daguerreótipo*. No mês de junho de 1849, consta que Fredricks regressa a cidade com o também fotógrafo Saturnino Masoni (1826-1892), oferecendo seus trabalhos durante o período de dez dias, antes de seguirem para Porto Alegre. Sua última passagem pela cidade acontece em outubro de 1849.

Posteriormente a Fredricks, em dezembro de 1849, localizou-se o fotógrafo itinerante Francisco Meeks, que fez uma breve passagem pelo Rio Grande e abriu a *Galeria Nacional de New-York o Nec Plus Ultra*, no Beco do Afonso (número não citado), oferecendo retratos de daguerreótipo perfeitos e grande facilidade em retratar crianças¹⁰. Meeks, em seu anúncio, adverte as mulheres que os vestidos escuros ou pretos são preferíveis na hora de retratarem-se, provavelmente porque vestes claras fariam incidir luzes indesejáveis sobre o modelo ou comprometeriam a medição das mesmas.

⁹ De acordo com a bibliografia utilizada e com as notícias de jornais que anunciavam os fotógrafos, podem ser utilizados como sinônimos de estabelecimento fotográfico as expressões: oficina fotográfica, estúdio fotográfico e ateliê fotográfico.

¹⁰ Nem todos os fotógrafos retratavam crianças pelo fato delas serem inquietas e no momento da fotografia o modelo deveria permanecer imóvel em razão das longas exposições.

Os anúncios publicitários dos jornais de 1850 relatam ainda a atuação do também itinerante fotógrafo italiano Luiz Terragno (s.d -1891), um dos mais importantes fotógrafos oitocentistas do Rio Grande do Sul. Terragno registrou aspectos da guerra da Tríplice Aliança (formada pelo Brasil, Argentina e Uruguai) contra o Paraguai, ocorrida entre 1865 a 1870. Terragno realizou ainda, uma série de retratos em estúdio da família imperial em visita à província durante a guerra, na qual se incluem, entre outros, Dom Pedro II, o Conde d'Eu e o Duque de Saxe, com os uniformes do exército brasileiro e de campanha em estilo gaúcho.

Em 1851, faz uma passagem por Pelotas, mas regressa a Rio Grande em agosto de 1853. Neste segundo momento, o fotógrafo abandona o daguerreótipo e passa a trabalhar com retratos de eletrótipo¹¹, um processo mais rápido que o daguerreótipo que permite fotografar com facilidade crianças. Desta vez instala-se na Rua do Pito nº 59 e o ateliê passa a se chamar Terragno e C^a. Permanece na cidade de agosto a novembro de 1853.

Os fotógrafos itinerantes viajavam frequentemente à Europa em busca de materiais e novidades da arte fotográfica. Um exemplo deste tipo de fotógrafo é o francês Amadeo Gras (1805 -1871), daguerreotipista e retratista a óleo, que em anúncio no Diário do Rio Grande, avisa ao público da cidade do Rio Grande que acaba de chegar de Paris trazendo novidades fotográficas. Gras chegou à cidade em maio de 1851 - e seu último anúncio data dezembro do mesmo ano – e abre estabelecimento na Rua Boa Vista nº 32, mesmo endereço em que trabalharam anteriormente Terragno e Fredricks.

Neste mesmo período, identificou-se fotógrafos itinerantes que trabalharam com daguerreótipo e que fizeram apenas uma breve passagem pela cidade, tais como Horácio Souto Muniz, que em 1851, abriu seu estabelecimento no mês de agosto na Rua Direita nº 77 e oferecia seus serviços de daguerreótipo por um sistema inteiramente novo¹² e J. Dufrene, que passou pela cidade no mesmo ano.. Dufrene não comunica seu endereço na cidade riograndina. Outro exemplo é o de Frederico Langenheim que abriu seu estabelecimento poucas semanas durante o mês de setembro de 1852, localizado na Rua Direita nº 166.

¹¹ Consiste em uma casca fina de metal, comumente cobre, depositada por ação eletrolítica sobre um molde de cera, chumbo ou outro material plástico, do original, e revestida por trás com metal-tipo; galvanótipo, galvano.

¹² Sistema não especificado no anúncio publicitário.

Era comum no começo da fotografia, que os profissionais executassem mais de uma atividade, muitos deles eram pintores e conciliavam com a profissão de fotógrafo como era o caso de Roberto Offer, que além de executar a profissão de fotógrafo era arquiteto. Foram encontrados tanto anúncios de seus serviços de fotografia em Rio Grande quanto em Pelotas e também de seus serviços de arquitetura. Offer, em sua passagem pela cidade em 1853, abriu seu estabelecimento na Rua da igreja nº 40. Realizava suas fotografias sobre prata pura, papel¹³ e vidro¹⁴ que eram cobertos com uma folheta de ouro. Nos anúncios por ele publicados, gabava-se da qualidade de suas máquinas, que garantiam que os resultados dos trabalhos fossem elogiados em outras partes do mundo, como Portugal e Inglaterra.

A única fotógrafa mulher encontrada durante a pesquisa, em anúncio 1854, Serafina Maria S. Y^a oferecia serviços fotográficos com o eletrótipo, e segundo as referências encontrada sobre esses retratos, os tamanhos variavam de o tamanho de um alfinete até um botão de dez polegadas (não encontrou-se nenhum registro imagético deste tipo de objeto). O equipamento utilizado por ela poderia reproduzir grupos de trinta a quarenta pessoas, todas em bom tamanho. Seu estabelecimento encontrava-se no largo do Poço, local o qual os informativos não ofereciam número.

Em 1856, identificou-se o funcionamento do estabelecimento de Justiniano José de Barros, fotógrafo que dizia utilizar o daguerreótipo como suporte para expressar com criatividade os artigos comercializados. Em um anúncio¹⁵, publicado em 18 de março daquele ano, Barros manifesta a diversidade de seu trabalho, ao mesmo tempo em que é implícita a idéia de perfeição dos seus produtos. Estabelecido à Rua do Rosário nº 35, Barros permanece em Rio Grande até maio de 1857 de onde parte em um vapor para a cidade do Rio de Janeiro (RJ). Regressa ao Rio Grande, em março de 1858 e abre seu ateliê na Rua Bela nº 23 e permanece até abril. Sua última passagem acontece em outubro de 1859, quando depois de ter estudado um novo sistema no Rio de Janeiro, passa a executar retratos sobre vidro e oleado¹⁶.

¹³ Processo positivo /negativo criado pelo inglês Fox Talbot, trata de uma base de papel emulsionada com sais de prata. usando como filme folhas de papel sensibilizado preparado para reagir à luz.

¹⁴ Processo positivo /negativo que substituiu o papel sensibilizado. Era um processo lento e o tempo de exposição era muito longo para permitir que pessoas ou qualquer coisa que se movesse. Foi utilizado até os anos 50.

¹⁵ Conforme a grafia encontrada no jornal.

¹⁶ Panótipo, processo fotográfico no qual o suporte é um oleado.

Já em setembro de 1857, localizou-se os fotógrafos itinerantes Dolger & Schmidt, que, segundo os dados encontrados abriram em sociedade um estabelecimento fotográfico na Rua Francisco Marques nº 12, desfazendo esta sociedade em janeiro de 1858. Entretanto, segundo consta, Schmidt continuou a oferecer seus serviços de retratista a óleo. No último anúncio encontrado sobre Schmidt, de novembro de 1859, localizou-se referência a um seu estabelecimento na Rua da Caridade nº 20 e a seu regresso da Europa com novidades na arte fotográfica de novos e aperfeiçoados sistemas como ambrótipo¹⁷ e panótipos¹⁸ (Fig.3), retratos para cartão de visita¹⁹, miniaturas para alfinetes²⁰ e cassoletas²¹.

Muitos processos fotográficos utilizados por estes profissionais foram identificados durante o período compreendido da pesquisa. Algumas delas, com uma pequena variação uma da outra. Como é o caso do daguerreótipo e ambrótipo, o segundo era uma opção mais barata que o primeiro e eram apresentados nos mesmos estojos luxuosos (Fig. 4). Determinados fotógrafos faziam questão em informar essas técnicas de maneira a aumentar sua freguesia e valorizar seu trabalho. Um caso exemplar neste sentido é o de José Maria Barreto de Menezes, retratista itinerante, que fez uma breve passagem pela cidade em novembro de 1861. Segundo os informativos, trabalhava com diferentes variações técnicas como retratos em cristal²², vidro, papel, malacacheta²³, oleado e melanótipo²⁴. Este fotógrafo exibia-se por utilizar

¹⁷ O ambrótipo, processo positivo/negativo, inventado pelo inglês Frederick Archer com colaboração de Peter Fry. A chapa de vidro sensibilizada era exposta gerando uma imagem negativa, o que permitiu posterior reprodução ilimitada de cópias. Porém, quando colocado um fundo preto por detrás desta chapa, no momento da exposição, tinha-se como resultado um positivo direto. Este processo, foi batizado por Archer de Ambrotipia e popularizou-se pelo baixo custo e era conhecido também como “daguerreótipo de pobre”.

¹⁸ Processo fotográfico onde a base é um oleado.

¹⁹ Conhecido também como *carte de visite*.

²⁰ Não foi encontrado dados sobre esse objeto.

²¹ Espécie de medalha que as mulheres usavam no pescoço e que também servia de berloque para a corrente dos relógios.

²² Richard Leach Maddox (1816-1902) utilizou a gelatina, em vez do colódio, como dissolvente para os sais de prata, tanto sobre o papel como sobre o cristal (1871). A sua “emulsão” compunha-se de brometo de prata dissolvido em gelatina, o que permitiu a criação das primeiras chapas secas, o primeiro produto da Fotografia moderna.

²³ Não foram encontrados dados referentes a essa técnica/processo.

técnicas que segundo os anúncios por ele publicados, não eram oferecidos em Rio Grande e nem mesmo no Rio de Janeiro. Abriu um estabelecimento na Rua Direita nº 145 e logo depois mudou-se para a Rua do Rosário nº 33.

Também é o caso de Francisco José Gomes & C. (não foi possível identificar o nome do fotógrafo ou sociedade) que abriram um estabelecimento na Rua Boa Vista nº 18, em 1863. Eles executavam, entre outros trabalhos, retratos sobre vidro, papel, borracha²⁵, talco²⁶, cartões de visita, melanótipo e por um sistema inteiramente novo, o Alabastrime²⁷. Neste mesmo ano, a dupla Barboza de Oliveira e Antônio de Souza Lobo, ambos itinerantes, passaram pela cidade também. Abriram seu estúdio fotográfico na Rua do Pito nº 84 e trabalharam com pintura a óleo, aquarela e pastel²⁸, aplicadas á fotografia sobre papel e também retratos sobre vidro e retratos a óleo. No anúncio encontrado, os fotógrafos comunicavam que teriam recém chegado da corte, premiados com medalhas de ouro e prata pela Imperial academia das Belas Artes e sociedade propagadora das Belas Artes do Rio de Janeiro.

Do final de 1863 a março de 1864, o norte americano Walter Bradley e Amoretty²⁹, abriram em sociedade o estabelecimento fotográfico intitulado Galeria *Franco-Americana*, na Rua da Praia nº 60. Os anunciantes, além de oferecerem seus serviços fotográficos, propunham-se a ensinar os processos sobre vidro e papel num espaço de 5 dias.

O fotógrafo italiano Bernardo Grasselli, outro que conciliava diversas funções como era de costume na época, neste caso, retratista a óleo, decorador, cenógrafo e fotógrafo, também atuou como professor do curso artístico Apolinário Porto Alegre no Instituto Brasileiro, e como colaborador da revista *O Guaiíba*, na qual são impressas algumas obras de sua autoria. Residiu no Uruguai no período de 1843 a 1851, onde

²⁴ Melanótipo é o mesmo processo ambrótipo.

²⁵ Não foram encontrados dados referentes a essa técnica.

²⁶ Não foram encontrados dados referentes a essa técnica.

²⁷ Espécie de mármore branco, translúcido, pouco duro e susceptível de um belo polido. Pode ser moldado e permite que a pintura adere. Esses itens podem ser limpos, no entanto, eles não devem ser lavados com água, como eles são pintados com tintas solúveis em água.

²⁸ São fotografias que após passarem pelo processo de revelação e ampliação, eram posteriormente colorizadas a lápis pastel. Existem dois tipos de lápis pastel: o seco e o oleoso. Tanto o oleoso quanto o seco necessitavam ser fixado no papel fotográfico, o que dava certo brilho ao resultado final. No geral, os registros fotográficos eram comumente colorizados a pastel seco.

²⁹ O anúncio do jornal O Comercial não fornece o nome do fotógrafo apenas o sobrenome. Acredita-se que seja o fotógrafo Augusto Amoretty.

exerceu atividades políticas e chegou ao Brasil no ano de 1852, porém encontrou-se um anúncio no ano de 1847 (com seu nome grafado erroneamente, Bernardo Grassell), onde oferecia seus serviços de retratista a óleo na Rua do Padeiro nº14, comprovando sua itinerância e passagem pelo Rio Grande. Encontrou-se ainda informação sobre sua volta em 1864, ano em que abriu um estabelecimento na Rua do Rosário nº 29, desta vez realizando retratos a óleo e ambrótipo.

Os fotógrafos descendentes de ingleses Thomaz e John King foram proprietários do ateliê em Rio Grande, Irmãos King, uma parceria comercial entre fotógrafos irmãos, comum no século XIX. Contudo, o anúncio encontrado de 1864, não remetia a essa sociedade, e sim, ao estabelecimento fotográfico de Thomaz King que se encontrava na Rua da Praia nº 75. Thomaz produziu diversas imagens³⁰ do porto do Rio Grande, e elas se encontram na Coleção de Pedro Corrêa do Lago³¹. Ele foi um fotógrafo de grande destaque no estado, registrou ao lado de seu irmão John e também como Terragno, a guerra do Paraguai, o que lhe rendeu o título de Fotógrafo da Casa Imperial, em 18 de março de 1866, oferecido por Dom Pedro II, dois anos após ter passado pela cidade do Rio Grande.

Walter Bradley fotógrafo já citado anteriormente, retornou a cidade no ano de 1867, porém desta vez sozinho, e abriu seu estabelecimento intitulado *Fotografia Americana* na Rua Pedro II nº 60, apresentando um novo sistema³² nunca visto na cidade do Rio Grande, apenas no Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires. Através desse sistema, podiam-se obter retratos abrihantados³³ e retratos em *Doble fundo systema crozato*³⁴. Em 1872, contando com novas máquinas, passa a retratar crianças e grupos de pessoas. Seu último anúncio é do ano de 1874. Segundo as fontes consultadas, Bradley permaneceu na cidade durante 10 anos.

No mês de junho de 1873, a dupla de fotógrafos itinerantes Santiago Castro e Guilherme Litran, abriram o *Grande Atelier de Pintura e Fotografia* na Rua dos Príncipes nº 97. Eles rabalhavam com fotografias de todos os tamanhos, simples, pintadas a óleo (Fig. 5), aquarela e imitando esmalte³⁵, e por um sistema³⁶ moderno, segundo eles, desconhecido na cidade. Eles, em seus anúncios exaltavam a habilidade que possuíam

³⁰ Não foram encontradas as datas em que foram feitas estas imagens.

³¹ Coleção encontrada no *Livro O século XIX na fotografia brasileira*.

³² O anúncio não fornece o nome do sistema.

³³ Retratos abrihantados são aqueles em que a cópia é colorida a óleo e sobre ela é aplicado um verniz, que torna a superfície brilhante.

³⁴ Retrato não encontrado durante a pesquisa.

³⁵ Não foram encontrados dados a respeito deste tipo de retrato.

³⁶ Não informam no anúncio que sistema é utilizado.

nos retoques de fotografia, já que Litran, era um exímio pintor e fazia os retoques. Litran também trabalhou em conjunto com Thomaz King³⁷. Em 1874, já separado de Litran, Castro abriu seu estabelecimento intitulado *Fotografia Artística* e passou a fazer fotografias retocadas e abrihantadas, e continuou a dar aulas de desenho.

Seguindo a ordem cronológica encontrada nos jornais temos ao fotógrafo itinerante francês Jean Georges Renouveau (1845-1909), que fez uma breve passagem pela cidade do Rio Grande em 1873 e abriu um ateliê na Rua Pedro II nº 63. Renouveau, além de fotógrafo foi pintor e um distinto empreendedor, comercializava equipamentos e produtos fotográficos e cinematográficos. Dentro de suas diversas ocupações, realizava exposições cinematográficas, e foi ele o responsável pela primeira sessão de cinema realizada no Brasil³⁸, em 7 de agosto de 1896, em São Paulo.

Neste mesmo ano, o fotógrafo riograndense Mauricio Alfredo Brandão abriu a *Fotografia Águia D'América*, na Rua Uruguaiana nº 40. Seus retratos poderiam ser cartão imperial ou visita, abrihantados, com retoque ou marmorizados³⁹. Comercializava também quadros, molduras douradas, caixinhas e álbuns.

Além de Brandão, pode-se citar John King, que estabeleceu-se aqui em 1874 executando retratos em cartão de visita e imperial, abrihantados, em relevo⁴⁰ e porcelana⁴¹.

O fotógrafo brasileiro Augusto Amoretty (1845 -1906), faz uma passagem pela cidade em abril de 1875, e abre um ateliê na Rua Uruguaiana nº 86. Em anúncio da época participa à população que trabalha com todos os sistemas⁴² conhecidos até então, inclusive com os “célebres” retratos de porcelana. Amoretty foi um dos mais importantes fotógrafos da Região Sul em seu tempo, e retratou como Barros e Terragno, o Imperador Pedro II e seus familiares quando estes passaram pelo Rio Grande do Sul. Obteve destaque na Exposição Provincial Brasileira-Alemã do Rio Grande do Sul, realizada em Porto Alegre, em 1881, ganhando a medalha de ouro do evento. Documentou também a construção da estrada de ferro entre Rio Grande e Bagé, em 1884.

³⁷ Não foi encontrado o período dessa sociedade.

³⁸ Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais.

³⁹ Não foram encontrados dados sobre este retrato.

⁴⁰ Não foram encontrados dados sobre este retrato.

⁴¹ Nesse processo a porcelana funcionava como suporte, isto é, era previamente sensibilizada e sobre elas o negativo era reproduzido.

⁴² O anúncio não fornece dados sobre os sistemas trabalhado.

O fotógrafo alemão Carl Bischoff (s.d- 1939) iniciou na fotografia em 1868 e permaneceu em atividade em Santiago e Paraíso até 1875. No ano de 1881 abriu seu estabelecimento em Rio Grande na Rua Pedro II nº 153, durante um curto espaço de tempo. Intitulou seu estabelecimento como *Casa Bischoff & Spencer*, ele foi um período associado a Spencer e justo nesse momento foi a de sua passagem pelo Rio Grande.

F. P. Laségue⁴³, também atua na cidade neste período com ateliê junto ao Hotel Paris, do qual não consta endereço. Era fotógrafo era itinerante conforme anúncio que se refere a sua permanência por uma semana na cidade, oferecia trabalhos como retratos americanos, um novo processo de retratos, que teria obtido grande sucesso na Inglaterra, França, Espanha, Portugal e nas principais cidades do Brasil e Rio da Prata.

Durante o período de oito anos, de 1876 a 1884 não foram localizados anúncios nos jornais pesquisados. Em 1885 foram localizados A. Raffael G., fotógrafo e retratista que utilizava um novo processo, o Megatipo⁴⁴, e Antonio B. de Souza, que se instalou em Rio Grande em dezembro de 1885 e abriu sua galeria na Rua dos Príncipes nº 125, intitulada *Photographia Moderna*. Segundo o fotógrafo, “(...) montada com o material mais perfeito da época atual”. Trabalhava com retratos de todos os tamanhos sobre papel albuminado⁴⁵, *crayon*⁴⁶, aquarela, fotocromo⁴⁷, fotominiatura, tinta china⁴⁸, óleo entre outras.

Conclusão

O trabalho desenvolvido até o momento confirmou a relevância desta iniciativa para a cultura e a história da cidade do Rio Grande. Os dados encontrados e sistematizados são abundantes e provocativos e sugerem, por suas características, análises cuidadosas, portanto, sugerem a continuidade das reflexões. De antemão dizemos que o conjunto dos dados, para além dos seus objetivos iniciais, revela informações muito importantes sobre a história da fotografia e da imagem na América

⁴³ Não foram encontrados outros dados sobre este fotógrafo.

⁴⁴ Não foram encontrados dados sobre este processo.

⁴⁵ Albuminado é o papel preparado com clara de ovo.

⁴⁶ Termo utilizado para designar um retoque feito a mão livre com lápis grafite.

⁴⁷ Não foram encontrados dados a respeito deste tipo de retrato.

⁴⁸ Técnica que consistia na colorização da fotografia com tinta da China, material semelhante ao nanquim.

Latina e apontam para o fenômeno da globalização da fotografia e da imagem, aspecto ao qual dedicamos nossa atenção neste momento.

A etapa de pesquisa desenvolvida confirmou também, para além do seu objetivo inicial, a necessidade de sistematizar e aprofundar este tema dada a sua riqueza e importância histórica. Por outro lado revelou a lacuna existente neste setor de investigação, e por consequência o descaso sobre a história e a memória da cultura riograndina – fato que exige uma discussão com àqueles interessados neste setor, sobre o presente e o futuro desta situação em nosso município.

Referências

A COLEÇÃO do imperador: Fotografia brasileira e estrangeira no século XIX. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1997.

FABRIS, Annateresa (org.). **Fotografia.** Usos e funções no século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

FERREZ, Gilberto, **A fotografia no Brasil.** 1840-1900. Fundação Nacional de Arte & Fundação Nacional Pró-Memória, Rio de Janeiro, 1985.

FREYRE, Gilberto; PONCE DE LEON, Fernando; VASQUEZ, Pedro Karp. **O retrato brasileiro:** fotografias da Coleção Francisco Rodrigues, 1840-1920. Rio de Janeiro: Funarte. Fundação Joaquim Nabuco, 1983.

KOSSOY, Boris. **Origens e expansão da fotografia no Brasil:** século XIX. Prefácio Boris Kossoy. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia:** O efêmero e o perpétuo. Cotia, SP, Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história.** São Paulo: Ática, 1989.

KOSSOY, Boris. **Hercule florence.** A descoberta isolada da fotografia no Brasil. São Paulo: Duas cidades, 1980.

MICHELON, Francisca Ferreira. **Um clique nos tempos modernos.** In: República Velha(1889-1930). Tau, Golin; Boeira, Nelson (Coordenação Geral). Coleção Histórica Geral do Rio Grande do Sul. v. 3 , t.2. Passo Fundo: Mérito, 2007.

NEWHALL, Beaumont. **História de la fotografia** . Desde sus origenes hasta nuestros dias. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

SOUGEZ, Marie-Loup. **Historia da fotografia.** Cátedra. Madrid, 2001.

TURAZZI, Maria Inez. **Poses e trejeitos**: a fotografia e as exposições na era do espetáculo: 1839/1889. Prefácio Pedro Karp Vasquez. Rio de Janeiro: Funarte. Rocco, 1995.

ZANINI, Walter. **História Geral da Arte no Brasil**. SP, Instituto Walter Moreira Salles, 1983.

Informações digitais

Enciclopédia Itau Cultural. Disponível em <http://www.itaucultural.org.br>.
Acessado em 25 de setembro de 2009.